

STUDENTIFICATION E SUAS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS Sob a perspectiva de moradores idosos de Santo André, SP, Brasil

STUDENTIFICATION AND ITS SOCIAL-SPATIAL DYNAMICS From the perspective of elderly residents of Santo André, SP, Brazil

A. Mariana Alves da Silva do Nascimento¹

*Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil
mari.alvesnascimento@gmail.com*

B. Maria Luisa Trindade Bestetti

*Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
Universidade de São Paulo, Brasil
maria.luisa@usp.br*

RESUMO

O aumento da oferta de universidades públicas nas últimas décadas no Brasil, tem facilitado o acesso ao ensino superior e abrangido mais jovens. Na contramão disso, o envelhecimento populacional é um fenômeno presente que começa a ser debatido. Tais mudanças têm influenciado nas dinâmicas socioespaciais das cidades. Bairros que recebem universidades sofrem um processo de transformação urbana e social chamado studentification, trazendo uma população flutuante de estudantes que convivem com idosos na mesma vizinhança. Este trabalho tem como objetivo caracterizar este fenômeno e apresentar a percepção de moradores idosos de um bairro em Santo André – SP que vivenciou essa transformação. São apresentados parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, onde foram feitas entrevistas e aplicados questionários, cuja análise se deu através da técnica de análise de conteúdo. Considera-se que o studentification alterou as dinâmicas do bairro e ao cotidiano dos idosos que, no entanto, consideraram seus efeitos como neutros.

Palavras-chave: studentification, idosos, transformação urbana, dinâmicas socioespaciais.

Linha de Investigação: 3: Dinâmicas Urbanas.

Tópico: 2. Cidade pós-crise e dinâmicas socioespaciais.

ABSTRACT

¹ Este artigo é fruto de tese de doutorado em desenvolvimento no PPGAU/UPM, com a concessão de bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES-PROEX.

The increase of public universities in Brazil in recent decades has facilitated the access to higher education and reached more young people. In opposition to this, population aging is a present phenomenon that begins to be debated. Such changes have influenced the socio-spatial dynamics of cities. Neighborhoods that receive universities undergo a process of urban and social transformation called studentification, bringing a fluctuating population of students who live with elderly people in the same neighborhood. This paper aims to characterize this phenomenon and present the perception of elderly residents of a neighborhood in Santo André - SP that has experienced this transformation. Part of the results of a master's research are presented, interviews were conducted and questionnaires were applied, analyzed through content analysis. Studentification is considered to have altered the dynamics of the neighborhood and the daily lives of the elderly, even though they consider its effects as neutral.

Keywords: studentification, elderly, urban change, socio-spatial dynamics.

Research line: 3. Urban dynamics.

Topic: Post-crisis cities and socio-spatial dynamics.

Introdução

O desenvolvimento econômico, social e educacional do Brasil, entre as últimas décadas do século XX e início do século XXI, tem contribuído para uma série de avanços, entre eles, a busca pela democratização do acesso ao ensino superior através de políticas e ações afirmativas. Isso ocasionou uma grande expansão das instituições de ensino superior (IES) em meados dos anos 2000, tanto públicas como privadas, aumentando não só a oferta de vagas, mas também favorecendo o acesso e permanência de estudantes de classes mais baixas no ensino superior, proporcionando melhores oportunidades para os jovens.

Para Martins, Silva e Maurício (2019), ações como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU), entre outros, permitiram a concorrência de vagas por alunos de todas as classes sociais em universidades públicas, historicamente frequentadas por estudantes de classes altas. Com isso, o perfil socioeconômico das IES públicas tem se alterado, “colaborando inclusive para uma mobilidade espacial de estudantes jamais vista” (Martins, Silva & Maurício, 2019: 899).

Paralelamente a estes acontecimentos, o Brasil passa pela chamada revolução demográfica em velocidade muito mais acentuada que outros países em desenvolvimento. Isso significa que o número de idosos, considerados acima dos 60 anos de idade, cresce cada vez mais, enquanto a proporção de jovens diminui. Segundo dados do IBGE (2019a), houve um aumento na expectativa de vida ao nascer de mais de 30 anos entre 1940 e 2018, sendo de 76,3 anos em 2018; a expectativa de vida dos próprios idosos também aumentou, assim como a probabilidade de sobrevivência entre 60 e 80 anos. Atualmente, 13% da população brasileira é idosa, o que equivale a mais de 28 milhões de pessoas, e o órgão estima que em 40 anos, 25% da população total terá mais de 65 anos (IBGE, 2018, 2019b).

Muitas das universidades públicas criadas nos anos 2000, foram implantadas em áreas consolidadas, desencadeando processos de transformação de caráter urbano, social, econômico e demográfico, ao trazer novas dinâmicas socioespaciais para o local onde estão inseridas. Naturalmente, estas transformações afetaram o cotidiano dos então moradores – muito deles idosos – que, por conta de alterações e limitações funcionais, cognitivas ou sociais naturais do envelhecimento, tendem a permanecer por mais tempo em sua

vizinhança, onde ocorre boa parte de suas atividades e relacionamentos, fazendo com que jovens e velhos tenham de conviver no mesmo espaço, alterando a dinâmica de relações sociais nestes locais. A literatura internacional denomina este fenômeno de “*studentification*”, ainda sem tradução em português.

Este artigo busca, então, caracterizar o *studentification* com base na literatura emergente sobre o tema, e apresentar a perspectiva de idosos da comunidade sobre o fenômeno, focando nas mudanças das dinâmicas socioespaciais do local estudado. Estes dados fazem parte dos resultados de uma pesquisa realizada entre 2017 e 2019, no âmbito do mestrado acadêmico em Gerontologia na Universidade de São Paulo, que explorou o efeito do processo de *studentification* no ambiente sócio físico e nas relações sociais dos idosos moradores de um bairro em Santo André, SP, onde foi implantada uma universidade federal em 2006.

1.1. *Studentification*

Apesar de pouco conhecido na literatura brasileira, o fenômeno do *studentification* não é recente. Surgiu no Reino Unido na década de 1990, após a expansão das políticas para o acesso ao ensino superior, similar ao que ocorreu no Brasil na década seguinte. Smith (2002, 2005) cunhou o termo nas primeiras publicações sobre o tema, no início dos anos 2000, para denominar as transformações físicas, sociais, econômicas, culturais e sociais do espaço urbano causadas pela concentração de estudantes em determinadas áreas da cidade (Powell, 2016; Nakazawa, 2017; Nascimento, 2019).

Segundo Nakazawa (2017), o processo de *studentification* iniciou-se no Reino Unido por conta da crescente demanda estudantil por moradia, já que, tradicionalmente, espera-se que os estudantes saiam da casa dos pais ao ingressar no ensino superior. Como as universidades britânicas localizam-se nos centros das cidades, as possibilidades de moradia estudantil eram poucas, o que acarretou a conversão de habitações unifamiliares em unidades individuais, conhecidas como “*houses of multiple occupancies (HMOs)*” – casas de ocupações múltiplas. Em alguns casos, particularmente em cidades menores e operárias, este processo resultou no aumento do valor da moradia e dos aluguéis, na expulsão dos locais, na degradação do bairro e na segregação socioespacial, gerando conflito entre novos e antigos moradores (Smith, 2005; Powell, 2016; Nakazawa, 2017).

Smith define quatro dimensões para caracterizar fenômeno de *studentification*: a) econômica (valorização dos imóveis e inflação dos aluguéis); b) social (descolamento e substituição dos moradores antigos); c) cultural (expansão da cultura estudantil); e d) física (melhorias no ambiente seguida por degradação) (Smith, 2005; Nakazawa, 2017). Em outras palavras, o *studentification* ocasiona a transformação das dinâmicas socioespaciais, pois traz uma população estudantil que se altera a cada ano letivo (Nascimento, 2019), e, a longo prazo, pode ocasionar mudanças na própria morfologia urbana e nos usos dos espaços, por exemplo, quando há a substituição das residências unifamiliares por unidades habitacionais direcionadas ao público estudantil; aumento do comércio especializado (tais como papelarias, bares e lanchonetes, casas noturnas, escolas de idiomas etc.); maior número de estudantes, professores e trabalhadores vinculados à universidade na região; mudanças na oferta de transportes, entre outros (Powell, 2016; Nascimento, 2019). No caso do Brasil, os sistemas de apoio ao acesso e permanência no ensino superior das classes mais baixas permitiu que jovens de todas as partes do país se deslocassem do seu local original para estudar, fazendo com que estes alunos acabem por viver em vizinhanças próximas à universidade (Nakazawa, 2017).

1.2. Transformações socioespaciais e o idoso

Observa-se uma tendência de o idoso permanecer prolongadamente em sua residência e seus arredores, muito por conta da familiaridade do ambiente. As perdas e limitações biopsicossociais decorrentes do envelhecimento, tais como a aposentadoria, saída dos filhos de casa, e as limitações físicas e cognitivas,

acabam por restringir o deslocamento dessa população, que acaba exercendo boa parte de suas atividades, sejam elas obrigatórias, opcionais ou sociais (Gehl, 2013), na vizinhança ou em áreas próximas. Sendo assim, transformações na comunidade podem afetar de diversas formas os idosos: positivamente, sobretudo quando há oportunidade para trocas intergeracionais e o estabelecimento de novos laços sociais, ou negativamente, quando se perde a familiaridade com o espaço, que pode levar ao isolamento e à perda da independência, entre outros (Lager, Van Hoven & Huigen, 2013).

Neste contexto, o *studentification* também pode seguir por estes dois caminhos. Por um lado, é uma boa oportunidade para trazer melhorias às condições do bairro, com a valorização dos imóveis e a maior oferta de amenidades locais, além de dar chance à intergeracionalidade. Por outro lado, pode instigar conflitos entre grupos diferentes, ocasionar o deslocamento dos moradores mais antigos (que vendem ou alugam suas propriedades), e gerar a perda da coesão comunitária, podendo levar o idoso a sentir-se “preso” àquele lugar por não conseguir sair dali ou por não se sentir mais pertencente àquela comunidade (Powell, 2016; Nascimento, 2019).

A pesquisa realizada buscou compreender, então, como as mudanças no âmbito social e espacial, em um contexto de *studentification*, afetaram as relações sociais dos idosos que residem no bairro. Cabe ressaltar que a ênfase nos aspectos sociais deriva do programa de pós-graduação onde a pesquisa foi conduzida, Gerontologia, cujo foco primário é compreender os fenômenos em torno da velhice e do envelhecimento sob seus aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos. A seguir, serão mais bem descritos os métodos utilizados na condução do trabalho.

2. Métodos

Este artigo traz parte dos dados coletados em uma pesquisa de caráter qualitativo, transversal e descritivo. Para tanto, foram realizadas entrevistas com moradores idosos do bairro Bangú (Fig. 1), em Santo André – SP, que responderam a um questionário e perguntas abertas sobre as mudanças sociofísicas do local em questão, após a implementação de uma universidade federal, em 2006. A Universidade Federal do ABC (UFABC) ocupa um terreno de mais de 77 mil m² (Fig. 2), e atrai um público de cerca de 12 mil pessoas, equivalente a 3 vezes a população do bairro (IBGE, 2010; UFABC, 2017)

A amostra foi composta por 21 participantes, recrutados por conveniência, todos com mais de 60 anos, que viviam, em média, há 26 anos no bairro, sendo 15 mulheres e 6 homens, com idade média de 69 anos e, em sua maioria, aposentados e casados. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (CAAE: 80716417.7.0000.5390).

Para a análise dos resultados obtidos, foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2016), que permitiu sistematizar os dados ao criar categorias de acordo com unidades temáticas emergidas a partir das falas dos participantes, ponderando, também, a frequência simples das unidades e direção do conteúdo². Os conteúdos de cada unidade foram classificados em três direções: favorável (aspectos positivos das declarações), desfavorável (aspectos negativos das informações) ou neutra (conteúdo vago, indefinido, indiferente, indeterminado ou imparcial, que não se expressava nem a favor nem contra).

² Para maiores detalhes consultar Nascimento, 2019.



Fig.1 Vista do bairro Bangú. Fonte: Nascimento, 2019.



Fig. 2 Visão aérea do bairro Bangú e pontos de referência em 2015, sem escala. Fonte: Nascimento, 2019.

3. Resultados e discussão

Os resultados obtidos sugerem que as mudanças causadas pelo processo de *studentification* trouxeram impactos diversos, alguns positivos, como a valorização do bairro, outros negativos, como a sensação de insegurança, mas prevalecendo reações neutras por parte dos idosos sobre a dinâmica do bairro e seu cotidiano. Como a maioria dos participantes são aposentados, eles têm a oportunidade de vivenciar, diariamente, a rotina da vizinhança e acompanhar as mudanças ao longo do tempo. Os relatos dão conta que as ruas, antes tranquilas, ficam cheias de carros nos dias e horários de aula, vê-se jovens caminhando nas ruas e ocupando os principais comércios, ouvem-se vozes altas, música, buzinas e (às vezes) brigas, como expresso na fala de V (homem, 68 anos) - "Transporte e trânsito é 'embaçado', em dia de aula fica bem carregado." (Nascimento, 2019: 67). No entanto, as reações são antagônicas, pois há os que se incomodam com os aspectos supracitados, enquanto outros acreditam que isso traga mais movimento ao bairro.

Aproximadamente 40% das falas sobre o ambiente do bairro se referiam a incômodos, especialmente nos primeiros anos após a instalação da universidade. Atualmente, os idosos afirmam estas questões tem melhorado, e que já estão habituados, por isso se incomodam um pouco menos com coisas como música alta ou festas. Por outro lado, 27% das falas destacaram aspectos com relação à valorização do bairro, sendo a maioria positivos, e 33% abordaram mudanças na paisagem, com um direcionamento neutro (vago, indiferente, indefinido ou que não se expressava nem a favor e nem contra).

Além da evidente presença dos jovens, a valorização dos imóveis e a mudança da morfologia do bairro também foram notadas, representados pela demolição de casas térreas unifamiliares para a construção edifícios de baixo gabarito (até 3 andares) com quitinetes ou quartos individuais para locação, focadas no público estudantil (Fig. 3), expresso na fala de D (homem, 65 anos): "O que mudou também são essas construções, está mudando a cara do bairro, está até mais bonitinho, apesar de eu não gostar deste tipo de construção, mas está ficando mais bonitinho." Curiosamente, apesar da ampliação no número de pequenos restaurantes abertos para almoço, os participantes destacaram que não houve aumento do número de bares ou outros estabelecimentos voltados ao público estudantil, contrário ao observado por Powell (2016), o que eles consideram como positivo para a dinâmica do bairro.



Fig. 03 Rua próxima à UFABC (ao fundo) em 2010 (esquerda) e 2019 (direita), mostrando o aumento das moradias focadas no público estudantil. Fonte: Elaboração própria a partir do Google Maps.

Já as trocas sociais entre idosos e jovens se mostraram fracas, mas não foram vistas nem como positivas, nem como negativas. 14 unidades de análise de conteúdo foram classificadas como neutras sobre as relações com estudantes. Apesar de cruzarem-se em vários momentos nas rotinas diárias, ambos os grupos parecem conviver sem grandes conflitos, segundo os idosos, mas não há uma troca e nem o estabelecimento de relacionamento entre eles. B (mulher, 60 anos) relata: “Não tenho contato [com os estudantes], eu tinha com o pessoal que morava aqui, mas eles mudam constantemente” (Nascimento, 2019: 68).

Todavia, alguns idosos demonstram o interesse em se relacionar com os mais novos, elogiando seu comportamento, como expresso na fala de AL (mulher, 68 anos), “são educados, os meninos que moram aqui, são ‘super’ gentis”. Lager, Van Hoven e Huigen (2015) explicam que a transitoriedade e flutuação da população estudantil não permite que haja tempo suficiente para a construção de conexões mais aprofundadas, que demandam tempo, e que são necessárias em fases avançadas de vida, trazendo, portanto, um impacto negativo para a sociabilidade dos idosos, deixando escapar uma grande oportunidade para o fomento das trocas intergeracionais e do estabelecimento de laços sociais entre estas pessoas.

Ainda que os idosos tenham mencionado alguns aspectos negativos advindos do processo de *studentification*, como incômodos com barulho e lixo nas ruas, percebe-se, através de suas falas³, que eles se adaptaram às novas dinâmicas do bairro e que convivem com os estudantes, apesar da rara aproximação real. Eles demonstraram ter um forte senso de pertencimento e de apego ao lugar, e enxergam como positiva a vinda da universidade, especialmente por conta da valorização do bairro como um todo, expressa na fala de S (mulher, 74 anos): “Acho que isso valoriza aqui o nosso bairro, não só o bairro, mas uma universidade no lugar é um diferencial assim muito importante.”

O elevado senso de pertencimento, agência e apego ao lugar podem explicar a postura neutra expressa pelos participantes, pois estes idosos buscaram adaptar seu meio e a si próprios, alterando seus comportamentos, para conservar o vínculo que eles têm com aquele lugar, influenciados pelas novas dinâmicas do bairro. Segundo Tomaszewski (2013), as características sociais, físicas e situacionais de uma vizinhança “também podem influenciar na identidade e bem-estar, já que a casa e a vizinhança muitas vezes representam as conquistas e o status social da pessoa, tendo valor simbólico elevado”. Ao manter-se indiferente com relação ao fenômeno que ocorre ao seu redor, a pessoa “preserva” sua situação atual e mantém a coesão social, fazendo pequenos ajustes, quando necessário, para voltar ao ponto de equilíbrio, onde seu cotidiano funcione da forma como deseja, sem interferências externas.

4. Considerações finais

Este trabalho procurou apresentar e caracterizar o fenômeno do *studentification*, trazendo a percepção de idosos, que vivenciaram este processo em sua comunidade, sobre as mudanças nas dinâmicas socioespaciais do bairro. A partir da fala dos participantes é possível perceber que as transformações ocorridas no bairro Bangú foram vistas, em sua maioria, como neutras pelos idosos, ou seja, indiferentes, indefinidas ou imparciais.

Ainda assim, os participantes apresentaram um elevado senso de agência e pertencimento desenvolvidos ao longo do tempo. Segundo Wahl, Iwarsson e Oswald (2012), agência diz respeito aos comportamentos proativos e intencionais do idoso de exercer o controle sobre seu ambiente físico ou social, enquanto pertencimento demonstra o nível de conexão entre o indivíduo e seu contexto.

³ As categorias, unidades de análise e falas dos participantes podem ser conferidas em profundidade em Nascimento, 2019.

Especula-se que o direcionamento neutro expresso nas unidades de análise possa ter ocorrido por conta de falas com conteúdo vago, indeterminado, que não expressavam um posicionamento a favor ou contra do participante. Alguns idosos relataram que, na verdade, nunca haviam parado para refletir sobre a existência da universidade, mantendo um posicionamento indiferente com relação a ela e aos estudantes, apenas convivendo com mais este elemento introduzido em seu cotidiano.

Considera-se que o *studentification* afetou a vida dos idosos tanto positiva quanto negativamente e estes, graças a seu alto grau de agência e pertencimento, passaram a readaptar seu comportamento e cotidiano de acordo com as novas dinâmicas da vizinhança, sem, necessariamente, associar tais adaptações a um único fenômeno. Acredita-se que estabelecer uma relação de causalidade entre o fenômeno do *studentification* e as mudanças nas dinâmicas socioespaciais seria, no mínimo, leviano, já que se faz necessária uma pesquisa muito mais aprofundada e complexa, que considere outras variáveis, para medir tal relação.

Ainda que o estudo realizado tenha suas limitações, fica claro que é preciso analisar as transformações urbanas também sob o ponto de vista do indivíduo, pois é ele quem vivencia as mudanças no seu dia a dia, e pode fornecer informações valiosas sobre as dinâmicas urbanas. À primeira vista, pode-se especular que o fenômeno aqui apresentado pode trazer desfechos positivos, como a valorização dos imóveis e a possibilidade das trocas intergeracionais, ou negativos, como o aumento da sensação de insegurança ou a perda da coesão comunitária (Powell, 2016). Contudo, isso não se repetiu no Bangú, o que demonstra que o processo de *studentification* é um processo complexo, embutido de diversas dinâmicas socioespaciais, e que merece um estudo aprofundado de outras variáveis, não tendo sido aqui esgotado.

Espera-se que este trabalho estimule investigações futuras sobre este fenômeno, e que colabore para destacar como o contexto urbano pode ser estudado de forma interdisciplinar. A busca por essa abordagem interdisciplinar dos fenômenos, partindo das percepções do sujeito e/ou grupos específicos, pode delinear um caminho promissor para as próximas pesquisas no campo do Urbanismo, principalmente com o enfoque social, na busca por soluções que melhorem e otimizem as dinâmicas nas cidades.

BIBLIOGRAFIA

BARDIN, L. (2016). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.

GEHL, J. (2013). Cidades Para Pessoas. 2 ed. São Paulo: Perspectiva.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (2010). Sinopse do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE.

LAGER, D.; VAN HOVEN, B.; HUIGEN, P. P. P. (2013). Dealing with change in old age: Negotiating working-class belonging in a neighbourhood in the process of urban renewal in the Netherlands. *Geoforum*, 50, 54-61.

LAGER, D.; VAN HOVEN, B.; HUIGEN, P. P. P. (2015). Understanding older adults' social capital in place: Obstacles to and opportunities for social contacts in the neighbourhood. *Geoforum*, 59, 87-97.

MARTINS, P. F. M., SILVA, E. G., & MAURÍCIO, N. M. M. (2019) A HISTÓRIA DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO: programa nacional de assistência estudantil e o aumento das classes "D" e "E" nas universidades federais. *Revista Observatório*, 5(6), 886-911.

NAKAZAWA, T. (2017). Expanding the scope of studentification studies. *Geography Compass*, 11(1).

NASCIMENTO, M. A. S. D. (2019). *Do velho para o novo: percepções de idosos sobre o processo de studentification, as mudanças sócio físicas do bairro e o aging in place*. Dissertação de Mestrado, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.

POWELL, K. H. (2016). A New Neighborhood Every Fall: Aging in Place in a College Town. *Journal of Gerontological Social Work*, 59 (7-8), 537-553.

SMITH, D. P. (2002). Patterns and processes of studentification in Leeds. *Regional Review*, 12 (1), 14–16.

SMITH, D. P. (2005). Studentification: The gentrification factory? In R. Atkinson, & G. Bridge (Eds.). *Gentrification in global con-text: The new urban cosmopolitanism*. (pp. 72–89). London: Routledge.

TOMASZEWSKI, W. (2013). Living Environment, Social Participation and Wellbeing in Older Age: The Relevance of Housing and Local Area Disadvantage. *Journal of Population Ageing*, 6 (1-2), 119-156.

WAHL, H. W.; IWARSSON, S.; OSWALD, F. (2012). Aging well and the environment: toward an integrative model and research agenda for the future. *The Gerontologist*, 52 (3), 306-16.

<http://propladi.ufabc.edu.br/informacoes/ufabc-em-numeros> (consulta em: 22/01/2018)

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade> (consulta em: 08/03/2020)

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047> (consulta em: 08/03/2020)

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/26104-em-2018-expectativa-de-vida-era-de-76-3-anos> (consulta em: 08/03/2020)